

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem ST. 16

Rodrigo Borba

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave são: travestis, gênero gramatical, embodiment

“A Beatriz foi preso!”: a construção da travestividade através do sistema gramatical de gênero entre travestis gaúchas

INTRODUÇÃO

Grosso modo, travestis são indivíduos biologicamente masculinos que, através da utilização de um complexo sistema de *techniques du corps* (MAUSS 1996), moldam seus corpos com características ideologicamente ligadas ao feminino. A construção de uma identidade feminina sobre um corpo masculino demonstra o caráter inventado, multifacetado, maleável e instável das identidades sociais. Levando em consideração, para o presente estudo, que a identidade é um fenômeno fundamentalmente lingüístico pretende-se entender qual a relação mantida entre linguagem e identidade(s) de gênero nessa comunidade de travestis. Por sua transitoriedade pelos pólos da dicotomia de gênero, as travestis parecem ser capazes de subverter associações naturalizadas entre formas lingüísticas e categorias sociais ao utilizarem-se de discursos sobre essas categorias em suas interações. Assim, como afirma Kulick (1999), indivíduos que subvertem práticas semióticas para construção de seu gênero social entretêm com a linguagem uma relação de “*différance* mútua, de fluidez mútua que excede significados fixos e se mantêm sempre plural e continuamente rompe a marcação de fronteiras” (p.616).

Para entender o fenômeno da travestividade pesquisadores tentaram contextualizar as práticas travestis em seus *milieus* específicos (SILVA, 1996; KULICK, 1998; OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO 2005). Porém, os estudos citados, com exceção de Kulick (1998), analisam a visão que as travestis têm de si mesmas e como elas se constroem como indivíduos generificados desconsiderando um aspecto altamente relevante ao processo de construção das identidades sociais: *a linguagem e seus usos* dentro de comunidades específicas. Assim, a maioria dos estudos sobre as travestis brasileiras deixa para trás o fato de que “a linguagem tem um papel crucial na estruturação de nossa experiência” (COATES 1998:301). Como afirmam Eckert e McConnell-Ginet (1992), a linguagem é “um recurso simbólico e comunicativo chave, central para o desenvolvimento

das maneiras de pensar e agir que dão às comunidades de práticas suas características” (p. 483). Tendo esse fato em perspectiva, o presente estudo visa a verificar como se dá a construção da travestividade em eventos discursivos nos quais travestis são as principais participantes.

DADOS PARA O PRESENTE ESTUDO

Para o presente estudo, analisei 7 entrevistas com travestis que foram gravadas em áudio e transcritas para a análise, um total de aproximadamente 10 horas e 30 minutos. As interações foram gravadas na sede da Liberdade, uma ONG que trata de assuntos ligados às transgêneros em uma região urbana do sul do país. Além disso, o *corpus* é composto por: (a) gravações de conversas espontâneas na sede da Liberdade; (b) gravações de conversas espontâneas entre travestis e ativistas da Liberdade durante intervenções para entrega de preservativos nas áreas de prostituição da Cidade do Sul; (c) notas de campo sobre as práticas travestis dentro e fora das zonas de prostituição; e (d) gravação de uma reunião durante a qual os resultados da pesquisa foram discutidos com as travestis. É importante enfatizar, porém, que as análises apresentadas aqui são principalmente baseadas nas entrevistas com as travestis.

GÊNERO GRAMATICAL E IDENTIDADES (TRANS)GÊNERO

Gramaticalmente a palavra *travesti* é descrita como um substantivo masculino. Porém, o uso feito dessa palavra e de pronomes, adjetivos e substantivos para se referir a travestis, na comunidade estudada, demonstra que formas femininas são a escolha preferida, não-marcada entre as informantes. Essa é uma estratégia lingüística utilizada por diferentes comunidades de transgêneros no mundo a qual Hall (2002:140) chama de *supercompensação de gênero*, ou seja, a subversão das determinações gramaticais para a construção de uma identidade de gênero discursivo consistente com as performances generificadas dos indivíduos em tais comunidades. Assim, baseado no uso real da língua por travestis, considero a utilização de formas masculinas para se referir a travestis como a escolha marcada e, com isso, identifico os padrões de uso desses termos.

A preferência pelo feminino gramatical tornou-se evidente já no início do trabalho de campo. Conscientizei-me do seu valor êmico entre as travestis de maneira bastante significativa, como o excerto abaixo demonstra.

Excerto 1 [LIB1653 – FTCLSR]: preferência êmica pelo feminino gramatical

341ROD: e tu Thalia(.) como é que tu definiria o
342 **travesti**?=
343SANDRA: =OLHA AQUI Ó(.) vamo entrá no nível- num nível
344 assim(.) pra tu se enquadrá com a gente não é **O**
345 **tra[ves]ti(.) A travesti.**
346ROD: [ok]
347FABÍOLA: [@@@@@]
348ROD: [tá certo] me desculpa. desculpa.

Como fica claro, em minha pergunta (linha 341), uso a palavra travesti como um substantivo masculino. Antes mesmo de receber a resposta, Sandra, uma membra a ONG Liberdade, responde à questão com a mais despreferida forma de correção, o reparo efetuado por outro/a que não o/a falante que cometeu o erro (SCHEGLOFF, JEFFERSON & SACKS 1997), na qual ela corrige meu uso de uma palavra masculina para me referir a minha interlocutora travesti (linhas 343-345). É importante notar que Sandra elabora tal correção na tentativa de me tornar um membro da comunidade; ou seja, se eu quisesse “me enquadrar com elas” eu deveria usar a “mesma língua”. Dessa maneira, fica evidente que as participantes da comunidade investigada têm consciência do poder da língua de (re)produzir e/ou (re)criar identidades. Além disso, também está claro, na interação acima, que o feminino gramatical, não o masculino, é a escolha preferida para se referir às travestis.

O antropólogo lingüista Don Kulick em sua obra tentou colocar sob escrutínio a relevância da linguagem na fabricação da identidade das travestis (KULICK 1998, 1999). O autor afirma que as travestis com quem trabalhou em Salvador utilizam o masculino gramatical “quando [...] utilizam a palavra travesti para falar do grupo como um todo, [dessa forma] elas parecem guiadas pela gramática e usam formas masculinas [...] que concordam com travesti” (p. 612). Porém, esse não é o mesmo padrão que encontrei entre minhas informantes no sul do país. Como descrito acima, as travestis com quem trabalhei subvertem facilmente as determinações gramaticais de sua categoria para construir uma *persona* lingüística que está em convergência com suas performances de gênero (BUTLER,

2003). É importante sublinhar que as travestis *não somente* usam formas masculinas para se referir às travestis “como um grupo”. Como será discutido a seguir, as prostitutas transgênero que acompanhei utilizam o sistema gramatical de gênero de maneiras altamente sofisticadas para construir uma miríade de significados sociais, que estão baseadas em sua ambigüidade como seres generificados.

Narrativas do eu (GIDDENS 1993) anterior às mudanças corporais

O primeiro, e talvez o mais óbvio, uso do masculino gramatical acontece quando as travestis falam sobre si antes de suas mudanças corporais, ou seja, antes de terem incorporado a travestividade. Isso pode ser visto no excerto que segue.

Excerto 2 [LIB953 – CLCR]

784CYNTHYA: isso tem até num livro que eu li na na minha
785 infância. quando eu era **reprovado** meu pai me
786 deixava de castigo eu ficava numa biblioteca
787 lendo que falava da infância e da fase adulta

Esse padrão de uso de formas masculinas tem a ver, de acordo com as informantes, com dois fatos. Primeiramente, o fator mais evidente é que as travestis referem-se à época de suas vidas anterior às mudanças corporais, pois naquele tempo a falante-travesti não tinha moldado seu corpo pelos processos descritos acima; ou seja, “a travesti não era feita”. Assim, o sistema gramatical de gênero é empregado para marcar dois estágios distintos na identidade travesti: formas masculinas identificando seu período como machos (em sexo e performance) e formas femininas para indicar sua travestividade. O segundo fator, frequentemente citado pelas informantes, é que as travestis cambiam para formas masculinas ao falar sobre suas vidas pré-travestividade como signos indicias de apego emocional a sua criação dentro da esfera familiar.

Discurso reportado feito por outros ao falar de travestis

Outro uso do masculino gramatical acontece quando as travestis reportam o discurso produzido por outros para descrever a comunidade na qual, como o excerto seguinte mostra.

Excerto 3 [LIB1653 – FTCLSR]

1123FABÍOLA: às vezes dizem assim “é porque **as bichas, os**
1124 **travestis** não gostam de mulher.” dizem tu não
1125 gosta de mulher. mas como eu não vô gostá de

1126 mulher? eu me identifico com ELAS né? As
1127 mulheres são minhas AMIGAS. eu me identifico
1128 com elas.

O que me parece mais interessante nessa categoria de uso de formas masculinas é que, além do fato de o que estar sendo reportado é o que outras pessoas (não as travestis) têm dito sobre a imagem social das travestis, essas são afirmações com as quais as próprias informantes não se alinham. Porém, as falantes não parecem capazes de se distanciar desses estereótipos (mas têm a possibilidade de usar o feminino gramatical para se construir de maneira diferente) e aceitam tais opiniões sem resisti-las.

Interessantemente, no excerto 3, apesar da palavra travesti vir imediatamente após uma palavra feminina usada para descrever homossexuais em geral (i.e. as bichas), o masculino gramatical ainda é empregado. Parece que, embora as travestis estejam sempre prontas para corrigir aqueles/as que a elas se referem no masculino, visões sociais sobre travestis são tão fortemente enraizadas que elas não são capazes de modificar esse fato em seu discurso. Assim, ao reportar opiniões de outras pessoas sobre as travestis, elas não desafiam os estereótipos de sua comunidade como sujeitos “masculinos”. Travestis, dessa maneira, reproduzem e perpetuam discursos sobre seu grupo através da maneira que usam a linguagem.

Descrição de si dentro da esfera familiar

As travestis também fazem uso do masculino gramatical para descrever-se dentro de suas relações familiares, como o excerto 4 exemplifica.

Excerto 4 [LIB1653 – FTCLSR]

453 THALIA: = mãe é mãe. ela sabe que a gente nunca não vai
454 sê uma mulher pra elas. a gente vai sê **um filho**
455 **home**. como ela sofreu pra ganhá todas as gentes
456 né? ele- como eu eu fui o eu sô **o filho mais**
457 **velho**, ela quase morreu quando ela foi me ganhá.
458 por eu sê assim. a minha família me aceita do
459 jeito que eu sô

O que mais chama a atenção sobre esse uso do sistema de gênero gramatical é a consciência das travestis sobre a imagem negativa ligada a sua comunidade. Em outras palavras, o uso do masculino gramatical dentro de tais contextos discursivos demonstra como a construção linguística da identidade travesti é afetada por construções ideológicas

de sua imagem na sociedade brasileira. Ao usar formas masculinas nesses contextos nos quais elas reiteram seu respeito com relação a suas famílias, principalmente a suas mães, as travestis parecem aceitar tal ideologia sobre sua comunidade. As informantes, assim, mostram-se preocupadas com a imagem que elas projetam para suas famílias. Embora algumas famílias aceitem a nova identidade desses indivíduos, as travestis se caracterizam como seres masculinos ao descrever suas relação com mães, pais, irmãs, irmãos, etc.

Contraste eu vs. Eles: uma estratégia para proteger a face

Finalmente, o uso do masculino gramatical acontece em contextos discursivos nos quais as entrevistadas fazem questão de distinguir-se de outras travestis. Nesta última categoria, a falante-travesti refere-se a outras membras de sua comunidade no masculino quando descreve eventos negativos nos quais aquelas travestis estiveram envolvidas. Essa categoria, similarmente a categoria anterior, constitui uma estratégia discursiva para construir respeito à imagem da falante. Aqui, as informantes projetam uma imagem pública positiva (GOFFMAN 1959) através da contraposição do seu “eu” (feminino), utilizado para construir uma imagem pública positiva (ou face, nos termos de Goffman), a outras travestis com as quais a falante não se identifica. Esse fenômeno é exemplificado no excerto abaixo no qual Thalia faz uma comparação das travestis no passado, que em sua opinião eram admiradas por suas transgressões sociais, e as jovens travestis que circulam nas ruas da Cidade do Sul que são “lindas, mas marginalizadas”..

Excerto 5 [LIB1653 – FTCLSR]

2011 THALIA: agente era muito **admirada** agora tudo mudô- tem
2012 bichas bonitas peito novinha isso e aquilo-
2013 naquela época não tinha silicone, não tinha
2014 nada. era peito de hormônio, corpo de hormônio.
2015 então eu acho assim, **elas** são muito **bonitas** e
2016 isso a aquilo mas- **elas- elas- elas** acho que
2017 são- mas agora pra sociedade **eles** são marginais.
2018 são **tratado** como::

O que parece mais surpreendente nessa categoria de uso do masculino gramatical é que as falantes ainda referem-se a uma comunidade a qual elas pertencem, mas elas falam sobre um tipo específico de travestis, aquelas com cujo comportamento ou atitude elas não se alinham. Nessa última categoria, gênero opera de certa forma como um marcador de exclusão da falante de certo grupo de travestis. Interessantemente, ao contrastar dois

diferentes estágios na história das travestis na Cidade do Sul, Thalia compara como travestis “do seu tempo” eram admiradas e como as “belas e jovens” travestis de agora são tratadas como marginais. Ela contrasta essas imagens através da maleabilidade do sistema gramatical de gênero no decorrer de sua narrativa. É crucial notar que embora Thalia esforça-se para manter o uso de formas femininas para referir-se a travestis (linhas 2011-2016) quando ela abertamente chama as travestis “bonitas” do presente de marginais, ela o faz empregando o masculino. Esse fenômeno parece entrelaçado a ideologias sobre a masculinidade e a feminilidade presentes na sociedade brasileira.. Thalia, assim, extrai de tais ideologias a construção discursiva de si (que tem sido admirada e é, então, referida no feminino) e outras travestis (que são marginalizadas por seu comportamento agressivo e que são conseqüentemente referidas no masculino).

CONSIDERAÇÕES

Vemos, então, que a manipulação do sistema de gênero gramatical é fruto de dois fatores. (1) Por viver nas fronteiras dos gêneros (LOURO 2001) as travestis incorporam, através do sofisticado sistema de *techniques du corps* (MAUSS 1996), significados associados ao masculino (sua biologia) e ao feminino (sua nova identidade) não só em seus corpos, mas também em seu discurso. Com isso, elas têm a oportunidade de explorar as duas facetas descontínuas de sua identidade (a biológica e a social) para fragmentar linguisticamente suas posições-de-sujeito. Porém, essa polimorfia discursivo-identitária não pode ser somente considerada o produto de seus corpos transgêneros. Como visto acima, (2) discursos sobre a masculinidade e a feminilidade também têm um papel importante nesse processo lingüístico de construção da identidade travesti. Ao referir-se a outras travestis no masculino, as falantes não parecem influenciadas pelas determinações gramaticais sobre sua comunidade, já que facilmente as subvertem com o uso do feminino. As narrativas das travestis neste estudo são moldadas por ideologias que associam o masculino e o feminino a específicas características sociais. Essas características são trazidas pelas travestis a suas interações para fragmentar sua identidade com base em discursos hegemônicos sobre a dicotomia de gênero que guia as identidades na sociedade brasileira.

Referências

BENEDETTI, Marcos R. (2005) *Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.

BUTLER, Judith. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COATES, Jennifer (1998) 'Thank God I'm a Woman': The construction of differing femininities. In: Deborah Cameron (ed.), *The Feminist Critique of Language: a Reader*, 2nd edition, 297-320.

CSORDAS, Thomas. (1990) Embodiment as a paradigm for Anthropology. *Ethos* 18:5-47.

GOFFMAN, Erving (1959) *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday.

HALL, Kira (2002) "Unnatural" Gender in Hindi. In Marlis Hellinger & Hadumod Bussman (eds.), *Gender across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Amsterdam: John Benjamins, 133 – 162.

KULICK, Don. (1997) The gender of Brazilian transgendered prostitutes. *American Anthropologist*, 99:547-585.

KULICK, Don. (1998) *Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago and London: University of Chicago Press.

KULICK, Don. (1999) Transgender and Language: A review of literature and suggestions for the future. *Journal of Lesbian and Gay Studies* 5:601-622.

LOURO, Guacira Lopes (2001) *Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação*. Revista Estudos Feministas 9(2):541-553.

MAUSS, Marcel (1996) Les techniques du Corps. Marcel Mauss (ed.), *Sociologie et Antropologie*, 363-368. Paris: PUF.

OLIVEIRA, Marcelo José (1994). *Jogo de Cintura: uma etnografia sobre travestis em Florianópolis*. Departamento de Ciências Sociais, UFSC, Florianópolis (mimeo)

PELÚCIO, Larissa (2005) Na Noite nem Todos os Gatos são Pardos: Notas sobre a Prostituição Travesti. Cadernos Pagu (25)julho-dezembro, pp. 217-248

SCHEGLOFF, E. A., JEFFERSON, G., & SACKS, H. (1977). The Preference for Self-Correction in the Organization of Repair in Conversation. *Language: Journal of the Linguistic Society of America*, 53:361-382.

SILVA, Hélio R. S. (1996) *Certas Cariocas: Travestis e a vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

